

# **Memória e narrativas sociais: as obras de Márcia Alves no Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo**

Henrique Siqueira<sup>1</sup>

---

A origem do Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo remonta ao gesto colecionista da própria municipalidade, inaugurado com o comissionamento de uma obra de Valério Vieira, em 1909, sob a condição de que permanecesse na esfera pública. Décadas mais tarde, em 1936, o Departamento de Cultura ampliaria esse movimento ao adquirir a coleção formada por Aurélio Becherini. Reunindo cerca de novecentas obras, esse núcleo inicial foi enriquecido pela produção de fotógrafos vinculados à administração municipal, consolidando ao longo de mais de quarenta anos — sob a coordenação de Benedito Junqueira Duarte — uma narrativa centrada no registro das transformações urbanas e na documentação de obras públicas.

A partir de 1975, com a criação da Divisão de Iconografia e Museus, a expansão do acervo passou a se alinhar aos princípios da sociomuseologia, incorporando novas abordagens e desenvolvendo projetos voltados à percepção e às condições de vida dos moradores da cidade. Essas mudanças abriram espaço para a presença de mulheres nas equipes de gestão museológica — entre

elas, Malu Martinelli, Cláudia Alcovér e Márcia Alves — assim como, de modo inédito, para a atuação feminina atrás das câmeras.

A criação da Casa da Imagem, responsável pela gestão do acervo entre 2010 e 2018, renovou a presença das mulheres: as exposições do período buscaram preencher lacunas percebidas no conjunto fotográfico, refletindo sobre regimes de memória, processos sociais e manifestações culturais da Capital. Destacaram-se mostras individuais de artistas como Gertrudes Altschul, Ana Vitória Mussi, Rochelle Costi, Marcia Xavier, Letícia Ramos, Cláudia Guimarães e Nair Benedicto, além da contribuição ativa de mulheres na crítica e na curadoria — ações que ampliaram as possibilidades de interpretação e representação da metrópole. Posteriormente, a Casa da Imagem foi formalmente integrada ao Museu da Cidade de São Paulo, alinhando sua programação às diretrizes do Plano Museológico, sobretudo no desenvolvimento de projetos voltados à memória institucional e a exposições coletivas de fotografia.

## A escuta da cidade

Entre 1989 e 1992, as instituições de memória vinculadas à Secretaria Municipal de Cultura — como o Departamento do Patrimônio Histórico, a Divisão de Iconografia e Museus e o Arquivo Histórico Municipal — voltaram-se com maior ênfase à coleta e análise das condições ambientais, sociais e urbanas. Esse movimento não apenas reafirmava o direito à memória, como também ampliava as perspectivas institucionais sobre o olhar histórico e documental. Foi nesse contexto que Márcia Alves integrou a equipe da então Divisão de Iconografia e Museus — atual Museu da Cidade de São Paulo — e produziu, ao longo do período, quase três mil fotografias, hoje sob a guarda do acervo institucional.

Embora tenha colaborado com diversas pesquisas desenvolvidas à época, sua atuação teve especial destaque no levantamento fotográfico realizado para o projeto *Morar e Trabalhar*. Uma pequena seleção de

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais e Políticas pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1989) e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente é coordenador do Núcleo de Curadoria do Museu da Cidade de São Paulo - Casa da Imagem. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fundamentos e Crítica das Artes.

96 imagens dessa série compõe a exposição *Navio Perdido: cidade à deriva na fotografia de Márcia Alves*, atualmente em cartaz no Solar da Marquesa de Santos/Museu da Cidade de São Paulo.

O estudo de Márcia concentrou-se em estabelecimentos familiares e ocupações informais, preenchendo uma lacuna na documentação visual paulistana, até então voltada majoritariamente ao desenvolvimento urbano. A curadoria destaca o comércio no entorno da Rua 25 de Março, além de bares, engraxates, porteiros, cabeleireiros da Avenida Paulista e catadores de papel que percorrem o centro da cidade. Com delicadeza, as imagens capturam a empatia entre fotógrafa e retratados, ao mesmo tempo em que evidenciam desigualdades sociais, ilustrando as precárias condições de moradia e o cotidiano de populações vulneráveis. Entre esses registros, sobressai o ensaio sobre a chegada de imigrantes ao Terminal Rodoviário, documentando o momento de fragilidade em que famílias compartilham o olhar perplexo diante de promessas e de uma nova fase de suas vidas.

## **A cidade, os corpos, os silêncios**

Além da exposição, o público pode acessar outros trabalhos da artista em seu site pessoal (<https://www.marciaalves.com.br/>), que reúne os principais projetos de sua trajetória. No início dos anos 1990, Márcia Alves (Perdizes-MG, 1962) integrou o Núcleo Permanente de Linguagem Fotográfica da Oficina Cultural Oswald de Andrade, sob a coordenação de Iatã Cannabrava. O curso informal de média duração, voltado à formação e orientação de jovens fotógrafos, constituiu-se como um espaço importante para a consolidação de uma prática autoral, sustentada pela observação minuciosa do cotidiano e pela escuta das relações sociais que nele se inscrevem.

Como trabalho de conclusão, Alves desenvolveu uma pesquisa sobre os circos instalados nos bairros periféricos da capital paulista. O ensaio, ao abordar a estrutura efêmera das tendas, o ritmo de vida

dos artistas e a logística silenciosa que antecede o espetáculo, delineia um retrato sensível das formas de sociabilidade que se erguem às margens da cidade. Em destaque, a série de retratos realizados sobre uma lona de fundo reafirma o interesse da artista por uma fotografia que combina rigor formal e abertura ao encontro — uma imagem que se constrói na tensão entre a cena e o invisível, entre o instante e o gesto.

Sua relação com a fotografia documental antecede a atuação na Divisão de Iconografia e Museus: em 1988, enquanto lecionava comunicação na entidade Colmeia, em Brasília, produziu um ensaio com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas — experiência que inaugurou seu interesse por narrativas de vulnerabilidade e resistência. Pouco depois, já em São Paulo, além do levantamento sobre os circos, acompanhou manifestações políticas e culturais na cidade, como a Parada LGBTQ+ e ações de movimentos sociais, entre eles o MTST.

O período entre 1993 e 2000 marca um momento significativo em sua produção artística voltada a questões sociais e políticas no Brasil, sobretudo por meio da série *Inventário*, dedicada ao Movimento de Viúvas Vítimas da Violência no Campo, no Maranhão. A obra recebeu reconhecimento através do Prêmio Marc Ferrez de Fotografia (1996) e da Bolsa Vitae de Artes (2000), e constitui um marco em sua trajetória ao refletir uma imersão sensível nas realidades das mulheres envolvidas nessa luta.

A série é composta por retratos das cinco lideranças do movimento, ressaltando sua força e resiliência. Além disso, o uso de imagens produzidas pelas próprias participantes funciona como uma potente ferramenta de autoafirmação, permitindo que elas mesmas narrem suas histórias e experiências. Os registros coletivos dos encontros promovidos pelo grupo também têm relevância simbólica, ao documentar não apenas a busca por visibilidade, mas a construção de redes de apoio e solidariedade entre as vítimas.

*Inventário* torna-se, assim, um testemunho crucial das realidades vividas por essas mulheres e um convite

à reflexão sobre a violência no campo, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre direitos humanos e justiça social no Brasil.

A partir de então, a trajetória da artista revela uma transição entre projetos autorais e trabalhos voltados ao mercado editorial e corporativo. Apesar dessa dinâmica multifacetada, manteve-se atenta à dimensão simbólica das imagens e ao diálogo constante entre fotografia e experiência social. Essa preocupação se manifesta em séries expressivas como *Cosmografias* (2010–2017), parceria com a pesquisadora norte-americana Kelly Hayes, dedicada ao registro dos rituais e personagens do Vale do Amanhecer; e *Desterritório* (2010–2014), que retrata as transformações no Largo da Batata, em São Paulo, frente ao acelerado processo de desfiguração urbana impulsionado pela especulação imobiliária.

Essas obras demonstram um compromisso contínuo em captar não apenas a aparência do cotidiano, mas os significados e dinâmicas sociais que o atravessam. A produção de Márcia Alves revela, assim, uma abordagem sensível e investigativa, em que a fotografia atua como instrumento de escuta e reflexão sobre as mudanças sociais e culturais.

Ao explorar diferentes contextos e linguagens, a artista mantém viva uma investigação sobre os aspectos simbólicos da imagem e sua relação com o mundo social. Essa busca constante por significado e diálogo reforça a relevância de sua obra no cenário contemporâneo, evidenciando o potencial da fotografia como ferramenta crítica diante das transformações culturais e urbanas que nos cercam.

Sua produção constitui, por fim, um campo de observação sensível e crítica, no qual o gesto fotográfico opera como forma de reconhecimento — uma escuta visual das existências que constroem, nas margens, o imaginário da cidade.

## Exposição

*Navio Perdido: cidade à deriva  
na fotografia de Márcia Alves*

**Curadoria:** Henrique Siqueira e Monica Caldiron

**SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS/MUSEU DA  
CIDADE DE SÃO PAULO**

Rua Roberto Simonsen, 136 - Sé, São Paulo-SP

Terça a domingo, das 9h às 17h

[www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br](http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br)

[www.marciaalves.com.br](http://www.marciaalves.com.br)

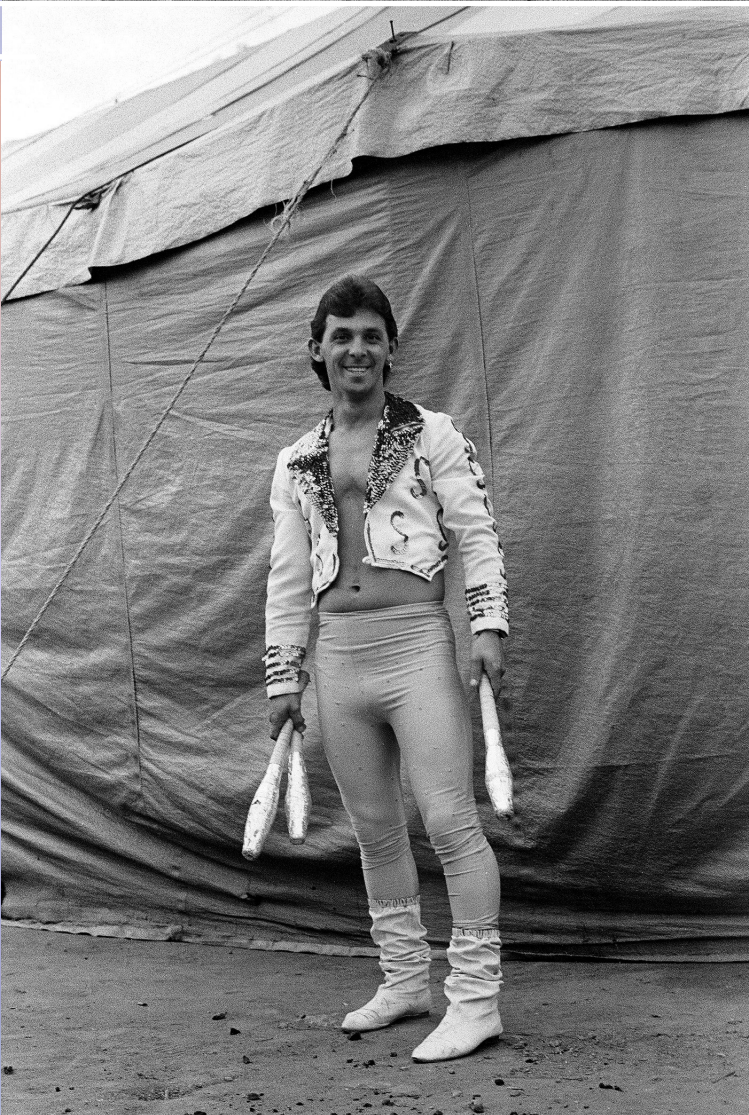


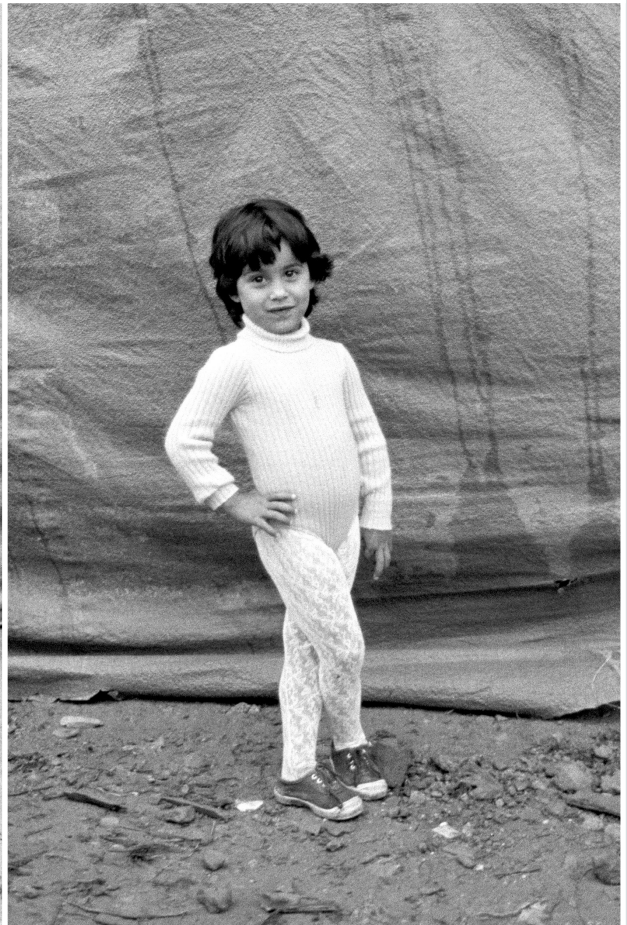
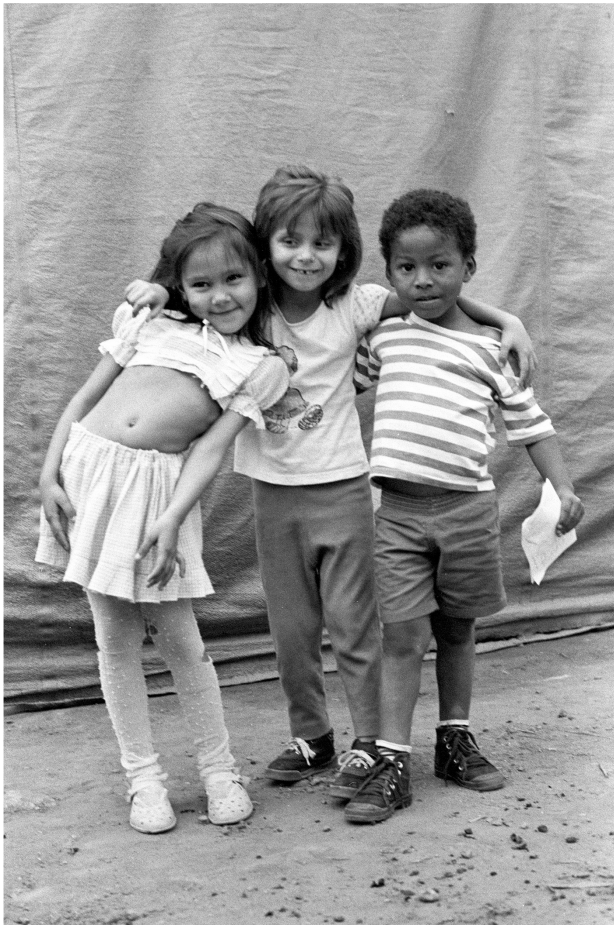
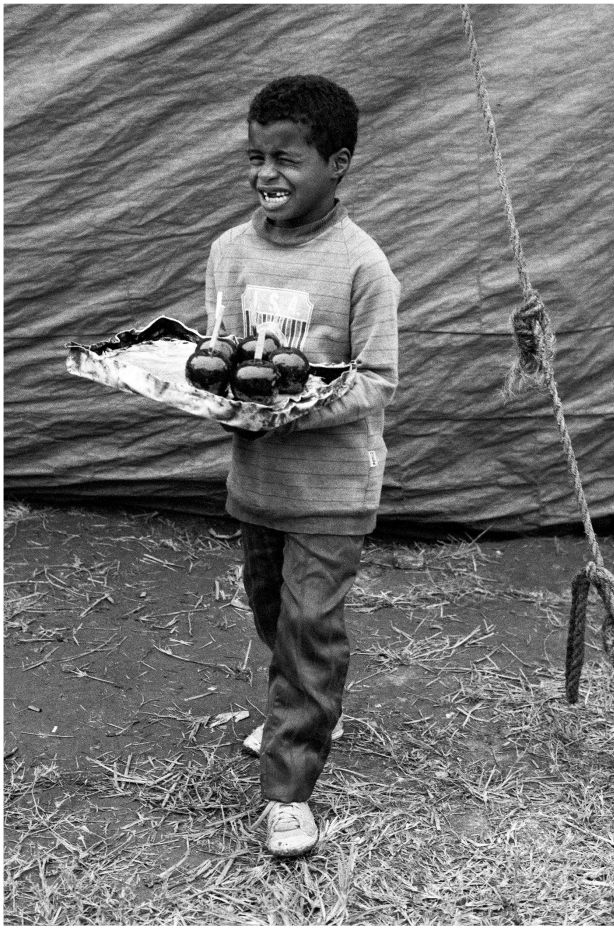










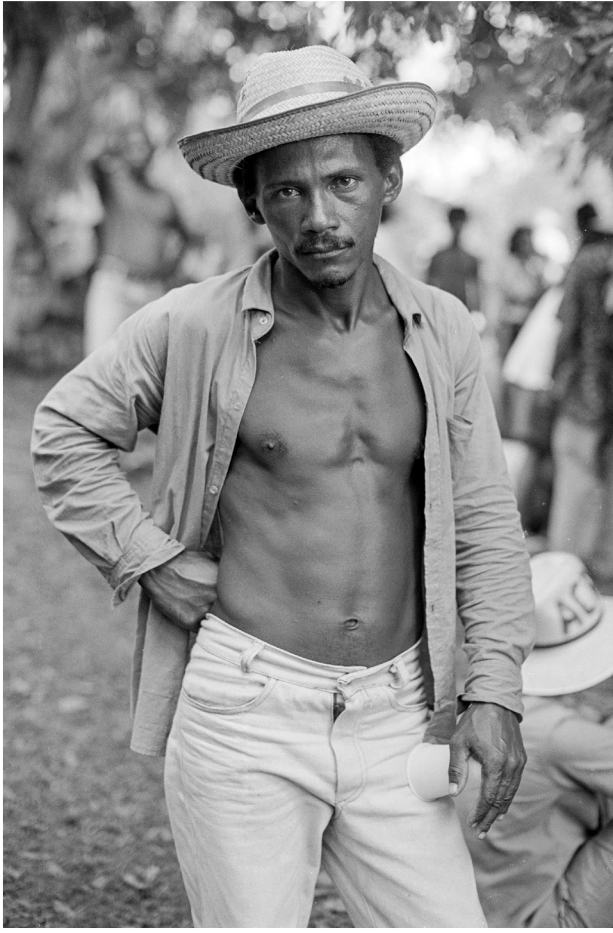










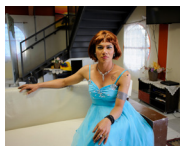








**Parada do Orgulho LGBT+**  
Avenida Paulista, 2016



**Camila,**  
Casa Florescer, 2017



**Sheron Correa.**  
Miss Brasil Gay 2016  
Concurso Miss T Brasil, Teatro  
Santo Agostinho. São Paulo, 2017



**Parada do Orgulho LGBT+**  
Avenida da Consolação, 2016



**Atriz do espetáculo Divas  
Florescer**  
Teatro Oficina, 2016



**Izabele Coimbra,**  
vencedora do Concurso Miss T  
Brasil 2017  
Teatro Santo Agostinho. São Paulo.

## Cosmografias - Vale do Amanhecer - Planaltina - DF



**Celebração do Dia do  
Doutrinador**  
Vale do Amanhecer, 2012



**Vale do Amanhecer, 2017**



**Ritual de cura.**  
Vale do Amanhecer, 2015



**Interior do templo**  
Vale do Amanhecer, 2015



**Maria, com indumentária da  
falange das Samaritanas.**  
Vale do Amanhecer, 2017  
Interior do templo



**Dia do Doutrinador**  
Vale do Amanhecer, 2012



**Seguidores da Doutrina do  
Amanhecer**  
Vale do Amanhecer, 2015



**Interior do templo**  
Vale do Amanhecer, 2015



**Daniel, com indumentária  
da falange dos magos.**  
Vale do Amanhecer, 2017

## Circo



**Circo Rostók.**  
São Paulo, 1989



**Circo do Neneco.**  
São Paulo, 1989



**Circo Rostók.**  
São Paulo, 1989



**Circo Rostók.**  
São Paulo, 1989



**Circo do Neneco.**  
São Paulo, 1989



**Circo Rostók.**  
São Paulo, 1989

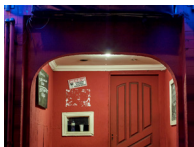


**Circo Rostók.**  
São Paulo, 1989

## Desterritório



**Largo da Batata,**  
Pinheiros. 2014



**Boate na Avenida Faria Lima,**  
Pinheiros. 2012



**Largo da Batata,**  
Pinheiros. 2011



**Largo da Batata,**  
Pinheiros. 2012



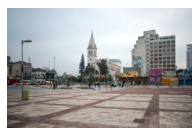
**Bar Luzes de Miami,**  
Avenida Faria Lima, Pinheiros. 2011



**Rua Martin Carrasco,**  
Pinheiros. 2010



**Rua Edson Dias,**  
São Paulo. 2010



**Largo da Batata,**  
Pinheiros. 2014

# Inventário



**Grupo de viúvas participantes do último encontro realizado em São Luis,**  
MA. 2000



**Caminhada da Terra, percurso de dez dias pelo interior do Maranhão até a cidade de São Luis.**  
1993



**Luiza Rodrigues durante 2o encontro de viúvas.**  
São Luis, MA. 1993



**Terezinha, uma das coordenadoras do grupo de viúvas.**  
Bacabal, MA.1993



**Aldenora. Romaria da Terra.**  
Mata-Roma, MA. 1995



**Encontro Regional do Movimento de Viúvas Vítimas da Violência no Campo.**  
Pedreiras, MA. 1997



**Filhos de Aldenora.**  
Centro dos Cabecinhas, MA. 1997



**Centro dos Cabecinhas, povoado onde morava a família de Aldenora.**  
2000



**2o Encontro de Viúvas Vítimas de Trabalhadores Rurais Assassinados.**  
São Luis. 1993



**Participantes da Caminhada da Terra.**  
1993



**Aldenora, uma das coordenadoras do movimento de viúvas.**  
Centro dos Cabecinhas, MA. 2000



**Viúvas. Romaria da Terra.**  
Maranhão, 1995



**Romaria da Terra.**  
Mata-Roma, MA. 1995



**Colheita de arroz da família de Aldenora.**  
Centro dos Cabecinhas, MA. 1997



**Filhos de Aldenora.**  
Centro dos Cabecinhas, MA. 1993



**Bairro Ilha da Paz, onde mora Maria Rodrigues, uma das coordenadoras do grupo de viúvas.**  
São Luis, MA. 2000